

## A implementação da Lei Federal nº 10.639/03: Um estudo sobre diversidade cultural em diversos espaços sociais e instituições escolares

The implementation of Federal Law No. 10,639/03: A study on cultural diversity in various social spaces and educational institutions.

Rosângela Ribeiro dos Santos Vieira<sup>1</sup>  
Maria Célia da Silva Gonçalves<sup>2</sup>

439

**Resumo:** Este artigo analisa as representações de professores de uma escola estadual em João Pinheiro (MG) em relação à implementação da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o estudo das culturas africanas e afro-brasileiras nos currículos escolares. A pesquisa busca compreender o papel da escola na promoção da diversidade cultural e na construção de uma educação antirracista. A metodologia adotada envolveu entrevistas orais com oito professoras da escola, utilizando a abordagem qualitativa e descritiva da História Oral Temática. Os resultados revelaram a importância da educação antirracista como ferramenta para combater a discriminação e promover a inclusão social e racial. A diversidade cultural foi destacada como requisito fundamental para uma educação que valoriza e respeita as diversas formas de expressão. A pesquisa ressalta os desafios enfrentados pela escola na implementação da lei e a necessidade de promover reflexões críticas e transformadoras. Conclui-se que a educação antirracista é um processo contínuo que demanda o engajamento de todos os envolvidos na comunidade escolar e na sociedade como um todo.

**Palavras-chave:** Lei 10.639/03; Educação antirracista; Diversidade Cultural

**Abstract:** This article analyzes the representations of teachers from a public school in João Pinheiro (MG) regarding the implementation of Law 10.639/03, which made the study of

<sup>1</sup> Possui graduação em Geografia Pela Faculdade de Educação Ciências e Letras de Iporá (1996). Atualmente é professora da secretaria estadual de educação do estado de Goiás. Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Humana. Mestranda em Ciência da Educação pela Universidad Interamericana PY. E-mail: arosangellaribeiro@gmail.com

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Estágio Pós-doutoral em Economic History Department of Law, Economics, Management and Quantitative Methods-DEMM da Università degli Studi Del Sannio - UNISANNIO-(Benevento, Italy). Visiting Professor da Università degli Studi Del Sannio - UNISANNIO. Pós-doutoranda em História pela Universidade de Évora em Portugal. Possui doutorado em Sociologia e mestrado em História pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: mceliasg@yahoo.com.br

Recebido em 01/02/2023

Aprovado em 01/05 /2023

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



African and Afro-Brazilian cultures mandatory in school curricula. The research aims to understand the role of schools in promoting cultural diversity and building an anti-racist education. The methodology involved oral interviews with eight teachers from the school, using the qualitative and descriptive approach of Thematic Oral History. The results revealed the importance of anti-racist education as a tool to combat discrimination and promote social and racial inclusion. Cultural diversity was highlighted as a fundamental requirement for an education system that values and respects various forms of expression. The research emphasizes the challenges faced by the school in implementing the law and the need to promote critical and transformative reflections. It is concluded that anti-racist education is an ongoing process that requires the engagement of all stakeholders in the school community and society as a whole.

**Keywords:** Law 10.639/03; Anti-racist education; Cultural diversity.

## Introdução

O presente trabalho tem por escopo analisar as representações de professores de uma escola estadual localizada na cidade de João Pinheiro (MG), no tocante a efetivação da lei 10639/03 que tornou obrigatório os estudos da culturas africanas e afro-brasileiras nos currículos oficiais da educação básica brasileira. A referida lei entrou em vigor em dezembro de 2003, modificando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira. Constituindo-se em um importante instrumento de combate ao racismo no Brasil.

João Pinheiro, um município situado na região Noroeste do Estado de Minas Gerais, abrange a maior área territorial do estado, totalizando 10.862 km<sup>2</sup>. Apesar disso, sua população estimada é de apenas 47.990 habitantes, resultando em uma baixa densidade demográfica de 4,22 habitantes por quilômetro quadrado (IBGE 2021). Essa característica dificultou a presença oficial do catolicismo e deu origem a expressões de religiosidade popular, como as Folias de Reis.

Oficialmente fundado em 1911, o município permaneceu isolado do restante de Minas Gerais e do Brasil devido à sua localização geográfica e à falta de infraestrutura viária. Essa situação só foi alterada com a inauguração da rodovia BR 040, em conformidade com o Plano Nacional de Viação de 1973. A partir desse momento, João Pinheiro estabeleceu um contato mais próximo com a capital mineira e com o Distrito Federal, adquirindo um aspecto mais moderno (SILVA; GONÇALVES; SILVA, 2011).

A mencionada lei reza que:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra

brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'." (BRASIL, 2003)

Indubitavelmente, a promulgação dessa lei representa um grande avanço na luta contra o racismo e na promoção de políticas de inclusão social e igualdade racial no Brasil. É importante ressaltar que essa lei é resultado de anos de luta e mobilização dos afrodescendentes no país. Se voltarmos à história, veremos que os movimentos sociais dos afrodescendentes no Brasil surgiram antes mesmo da abolição da escravidão, sendo fruto da organização e resistência daqueles que estavam escravizados naquela época.

Neste trabalho, o racismo é compreendido como “um fenômeno de desvalorização, preconceito e rejeição ao outro, não se limitando apenas aos negros, mas sempre relacionado à existência das chamadas minorias sociológicas “(GONÇALVES, 2021, p.340).

O objetivo desta pesquisa é discutir a educação antirracista como uma ferramenta de conhecimento no contexto da diversidade em diferentes espaços sociais e compreender o papel da escola na promoção da pluralidade cultural para efetivar uma educação antirracista, estabelecendo o diálogo e construindo pontes entre escola, vida e comunidade.

Refletir sobre a importância da educação antirracista pressupõe estabelecer novos paradigmas na educação, paradigmas que ajudem a compreender o reconhecimento da identidade afrodescendente e que tenham a intenção de reinterpretar e resignificar a história e as relações étnico-raciais no Brasil como conhecimento e como uma proposta de trabalho voltada para a eliminação de qualquer forma de discriminação por parte de educadores e educandos nas instituições escolares e em diferentes espaços sociais.

A metodologia utilizada nesta pesquisa permitiu explorar um universo pouco explorado e levantar novas questões, repensando a educação antirracista de forma que contribua para a redução das discriminações em sala de aula. A técnica empregada consistiu em entrevistas orais com os participantes, buscando compreender a diversidade cultural em diferentes espaços sociais e a escola como um local onde as culturas negadas e silenciadas devem ser discutidas.

Esta pesquisa foi conduzida sob a abordagem qualitativa e descritiva, utilizando a História Oral Temática. A escolha dessa abordagem qualitativa se deu porque entendemos que

os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e interação [...] permitem compreender e classificar os processos dinâmicos vividos pelos grupos sociais, contribuir no processo de mudança de dado grupo e possibilitar, um maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (DIEHL; TATIM, 2004, p.52).

De acordo com os autores mencionados, os estudos apresentam uma abordagem descritiva, focando na compreensão e interpretação do significado dos próprios sujeitos e de outras referências da literatura relacionada (DIEHL; TATIM, 2004, p.52).

Nesta pesquisa, seguimos esse caminho, buscando ouvir e compreender o significado do combate ao racismo e como ele é abordado em sala de aula por oito professoras em uma escola pública estadual de ensino fundamental, localizada em um bairro de classe média baixa na cidade de João Pinheiro (MG). A escola foi fundada na década de 80 do século XX e oferece os anos do 1º ao 5º do Ensino Fundamental.

No ano de 2021, a escola contava com quatro turmas de primeiro ano, três turmas de segundo e terceiro ano, duas turmas de quarto ano e três turmas de quinto ano, funcionando nos períodos da manhã e da tarde. Segundo dados da Secretaria Estadual de Educação, a escola possui um total de 348 alunos. A população estudada é composta por dezesseis professoras, todas elas foram convidadas a participar da pesquisa, sendo que oito delas se prontificaram.

Todas as professoras dessa escola possuem diploma de nível superior, sendo uma habilitada em Letras e Pedagogia, e as demais possuem habilitação em Pedagogia. A faixa etária das entrevistadas varia de trinta e quatro a cinquenta e dois anos. Em relação ao tempo de serviço, a professora com menos experiência possui seis anos de atuação no magistério, enquanto a mais experiente possui vinte e três anos.

Conforme apontado por Alberti (2008), a História Oral é uma metodologia de pesquisa e formação de fontes utilizada no estudo da história contemporânea, surgida após a invenção do gravador a fita. Essa abordagem envolve a realização de entrevistas gravadas com indivíduos que estiveram envolvidos ou testemunharam eventos e situações do passado e do presente.

A coleta de dados para esta pesquisa foi realizada por meio da aplicação da técnica de História Oral Temática, na qual oito professoras foram contatadas previamente por telefone e informadas sobre os objetivos do estudo. Ao serem convidadas a participar, todas as professoras concordaram em conceder uma entrevista às pesquisadoras. Foi agendada uma reunião individual com cada participante, onde elas assinaram o Termo de Livre Esclarecimento (TLE) e responderam a cinco perguntas temáticas relacionadas ao racismo e às suas práticas no combate a ele. As entrevistas foram registradas em vídeo, posteriormente transcritas e

analisadas neste trabalho. Para preservar o anonimato das professoras, elas foram identificadas de 01 a 08 ao longo do texto.

### **Diversidade cultural: um requisito para uma educação escolar que valoriza e respeita as diversas formas de expressão**

443

Orientados pela proposta de educação inclusiva, nas escolas são realizados debates sobre diversidade cultural, compreendida como um conceito que permite a reflexão sobre as diferenças e promove a convivência e diálogo entre diversas culturas, gêneros, etnias, crenças, sexualidades, entre outros aspectos que influenciam a formação dos sujeitos em diferentes espaços sociais.

Nesse contexto, a experiência de vivenciar diferentes contextos e espaços sociais, cada vez mais caracterizados pela heterogeneidade cultural, de gênero, etnias e outras características identitárias, evidencia a necessidade de reflexão não apenas em âmbitos individuais, mas também em espaços institucionais, como a escola.

Apesar dos avanços identificados na educação brasileira, que refletem a diversidade presente no país, marcado por diferentes etnias, perspectivas culturais e desigualdades econômicas e sociais, ainda existem desafios a serem superados. A escola, por ser um espaço obrigatório presente no cotidiano da maioria das pessoas de todas as classes sociais, deve atender a essa diversidade por meio de programas educacionais em Direitos Humanos, relações étnico-raciais, educação do campo, educação quilombola, escola indígena e inclusão de alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e superdotação/altas habilidades (KASSAR, 2016).

Apesar dos avanços, ainda é evidente que a diversidade cultural não foi plenamente adotada como uma política afirmativa que fortalece o novo paradigma educacional, e a cultura escolar continua baseada em padrões monoculturais e homogeneizadores.

Diante desse contexto, o debate sobre diversidade cultural como proposta de programas educacionais em direitos humanos ainda representa um desafio para os professores. Para efetivamente alcançar a diversidade, é fundamental criar políticas de formação que promovam o respeito, valorização e aceitação do diferente.

Portanto, é essencial formar profissionais capazes de refletir e repensar a maneira como a diversidade cultural é abordada nos espaços escolares, considerando o processo de construção

de novas identidades impulsionado pela globalização, que influencia a construção social mediada por heranças culturais, sociais, econômicas e históricas transmitidas de geração em geração. Dessa forma, percebe-se que a compreensão da diversidade cultural corresponde a uma multiplicidade de formas de expressão e reconhecimento do que é considerado diferente em relação à cultura dominante.

Nesse aspecto, as discussões a respeito da diversidade cultural têm se fortalecido em diferentes espaços sociais. Sendo assim, neste artigo buscamos expressar o conceito de diversidade cultural pautado nas diferentes crenças e regras que apregoam a compreensão, dos costumes, da sexualidade, em também em relação a gênero, religião, classes sociais, necessidades especiais e até mesmo as diferenças físicas que se fazem presente no cotidiano escolar, em Direitos Humanos, educação para as relações étnico-raciais, educação do campo, educação quilombola, escola indígena.

De acordo com a Conferência Mundial sobre Diversidade Cultural, a diversidade cultural é um conhecimento importante para o desenvolvimento de princípios relevantes para a humanidade e deve ser discutida e implementada como políticas educacionais que enriqueçam nossas sociedades (BRASIL, 2005). Nesse sentido, a diversidade cultural é vista como um mecanismo de enriquecimento social, capaz de contribuir para a eliminação de preconceitos, promovendo uma cultura de paz e uma sociedade mais democrática.

A UNESCO enfatiza que a diversidade é geradora de desenvolvimento, habilidade para encontrar respostas e capacidade de se reinventar diariamente (UNESCO, 2002). Segundo o documento, o respeito à diversidade cultural, a aceitação, o processo de comunicação e a empatia são demonstrações de paz e respeito às diferenças, gerando segurança tanto nacional quanto internacionalmente. Além disso, o processo de globalização, impulsionado pelo rápido avanço das tecnologias de informação e comunicação, estabelece interações coletivas modernas entre culturas e civilizações (UNESCO, 2002, p. 2).

Conforme afirmado pela UNESCO, em uma sociedade cada vez mais diversificada, é fundamental garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos que possuem identidades culturais plurais, variadas e dinâmicas, assim como a vontade de conviver. Políticas que promovam a inclusão e a participação de todos os cidadãos são essenciais para a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. O pluralismo cultural, definido dessa maneira, é a resposta política à realidade da diversidade cultural. Em um contexto democrático, o

pluralismo cultural estimula os intercâmbios culturais e o desenvolvimento das capacidades criativas que alimentam a vida pública (UNESCO, 2002).

Compreende-se que reconhecer e respeitar a diversidade cultural implica aderir às normas que protegem as dignidades fundamentais, especialmente dos grupos minoritários. No entanto, observa-se que, apesar das inúmeras discussões sobre diversidade cultural, ainda há uma falta de respeito e valorização das diferenças em diversos contextos sociais, devido à falta de conhecimento e desinformação sobre culturas que não se enquadram no padrão eurocêntrico.

É importante destacar que, embora haja debates sobre diversidade cultural em instituições escolares e outros espaços sociais, pouco avanço tem sido feito em relação às políticas públicas relacionadas à diferença. Isso é perceptível mesmo diante da disseminação e acesso às informações e do aumento das lutas por igualdade por parte de grupos minoritários. A diversidade cultural ainda é pouco valorizada devido à falta de políticas públicas que reconheçam sua função de ampliação do desenvolvimento histórico e social.

Portanto, é essencial uma reflexão crítica por parte da população a fim de buscar transformações que promovam a valorização da diversidade cultural e desfaçam estereótipos arraigados na sociedade em sua constituição histórica e cultural, que valoriza certas culturas em detrimento de outras. Conforme Azevedo et al (2014, p. 64), "a maneira de conviver com o que é considerado diferente, seja pela raça, classe econômica, pela opção religiosa, pelo gênero, ou por quaisquer outras condições, cria um pretexto de embate e suscita dissociação nos meios culturais coletivos, e ainda, resulta em situações de conflitos no meio social".

Larraia (1986) também aponta que "nossa herança cultural, desenvolvida por meio de nossos descendentes, nos levou a depreciar tudo o que não é considerado dentro das normas aceitas pela cultura predominante, resultando na não aceitação daquilo que é visto como diferente". Dessa forma, pode-se inferir que a cultura resulta de um processo de determinações, preceitos e limitações, o que gera conflitos sociais.

Com a proposta de garantir o direito à educação, houve uma ampliação das mudanças significativas no espaço escolar. Essas transformações têm gerado novas perspectivas para os professores, que reivindicam uma formação inicial e continuada que considere a diversidade cultural, visando promover uma educação de qualidade com acesso, permanência e aprendizagem para todos.

Nesse sentido, a educação e a cultura em Direitos Humanos ampliam uma perspectiva de desenvolvimento de uma mentalidade de grupo voltada para a solidariedade e o respeito às

diversidades. O Decreto Nº 7.037/09 sobre esse assunto contribui ao destacar que seu objetivo é combater a discriminação, o preconceito e o abuso, promovendo a aceitação de conceitos e valores que reconhecem o direito à liberdade, justiça e igualdade (BRASIL, 2009).

### **Educação voltada à superação do racismo na educação básica**

Refletindo sobre a prática de ensino, Paulo Freire (2002) afirmou que ensinar requer o reconhecimento e a incorporação da identidade cultural. Partindo dessa premissa, surgem diversas questões que consideramos relevantes neste estudo: como podemos contribuir para o desenvolvimento de pensadores e ideias sobre a diversidade cultural brasileira nos espaços escolares? Por que é importante ensinar sobre relações étnico-raciais, História da África e dos povos indígenas na sala de aula?

De acordo com as orientações curriculares nacionais, como a educação étnico-racial pode e deve ser abordada em sala de aula? Durante nossa pesquisa de campo, constatamos que a escola desempenha um papel fundamental na efetivação de uma educação antirracista. Como os professores entrevistados percebem essa importância?

Considerando o exposto, lidar com a diversidade cultural brasileira, tanto em espaços sociais quanto nas escolas, requer a implementação de políticas públicas que promovam a educação antirracista. É necessário que professores, alunos e a comunidade se envolvam em processos de construção de diálogo, estabelecendo conexões entre escola, vida e comunidade. A pluralidade cultural é responsável por moldar um país construído por muitas mãos, onde todos, com suas diversas tradições e formas de viver, contribuem para a construção de um mundo com diferentes concepções de beleza, diversidade e pluralidade.

Com base nessas reflexões, formulamos nossa primeira pergunta da entrevista, com o objetivo de compreender a percepção dos professores em relação à existência do racismo em sala de aula. Para coletar os dados, fizemos a seguinte pergunta aos entrevistados: Em sua opinião, o racismo ainda existe na contemporaneidade? E na escola em que você leciona, como você aborda essa questão? A seguir, apresentamos as respostas dos entrevistados:

Sim, constatamos que ainda existem atitudes racistas presentes em nossa sociedade. No entanto, buscamos orientar nossos alunos por meio de projetos educativos e brincadeiras que são ensinadas em sua linguagem, de forma a conscientizá-los e capacitá-los para se tornarem adultos responsáveis e conscientes. Essa abordagem visa combater o racismo desde cedo, promovendo a igualdade e o respeito mútuo entre todas as pessoas. (Entrevistado 01)

Compreende-se que diante fala do entrevistado 1, os alunos são levados a apreender o conceito de cidadania enquanto envolvimento coletivo e político; a tomar posicionamento crítico de modo a buscar desenvolver novos *habitus*<sup>3</sup> sociais, e culturais do meio o qual estão inseridos; reconhecendo sua identidade diante da diversidade cultural e social o que os leva a posicionarem-se em oposição qualquer tipo de intolerância cultural, religiosa, de gênero, de etnia e social.

Sim, no meu local de trabalho, incentivamos os estudantes a demonstrarem respeito pelo próximo, pois reconhecemos a igualdade entre todos. No entanto, é lamentável constatar que o problema do preconceito e racismo ainda persiste em nossa sociedade. (Entrevistado 02)

Sim, a batalha contra o racismo continua, apesar de ainda haver muitas pessoas que possuem essas atitudes discriminatórias. Na escola onde estou atualmente, é evidente que alguns preconceitos são trazidos de casa pelos estudantes através de suas famílias. No entanto, nós nos empenhamos em promover a igualdade, buscando fazer com que compreendam que todos somos iguais e que as pequenas diferenças de raça, cor, classe e outros aspectos não têm impacto significativo em nossa convivência em sociedade. Reconhecemos que precisamos uns dos outros e é fundamental rejeitar qualquer forma de preconceito. (Entrevistado 03)

A partir das declarações dos entrevistados 2 e 3, pode-se inferir que a manifestação do racismo nas escolas contemporâneas não é algo repentino, mas sim um resultado de um processo histórico de exploração dos povos. O colonizador, por meio de atitudes preconceituosas e opressivas, se considerava superior, uma visão que ainda perdura nos dias de hoje, conforme mencionado nas citações acima.

Esse tipo de racismo, que se manifesta no ambiente escolar cotidiano, prejudica o desenvolvimento de uma educação pautada na valorização da diversidade cultural em todos os seus aspectos. O entrevistado 3, infelizmente, não reconhece a presença do preconceito, o que reforça a existência do preconceito na instituição escolar e revela uma omissão diante dessa questão. Embora ele expresse em suas palavras estar livre de preconceitos, seu discurso contradiz essa afirmação.

Infelizmente sim, as questões mais frequentes, quando conversamos com o professor sobre racismo nas escolas, diz respeito a ideia de que ele se refere somente a discriminação sofrido por negros ou negras foto quer me parecer que o racismo transcende a raça negra. O racismo é produto de uma cultura (no caso a cultura brasileira). Por que construímos uma cultura racista, que atribui diferenças éticas

<sup>3</sup> De acordo com Bourdieu (2007), o *habitus* é um “sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (p. 191)

vírgulas intelectuais e morais as pessoas de acordo com suas diferenças, então somos todos nós educados para produzirmos, em alguma medida o racismo. Meu trabalho é enfatizar as diversas heranças culturais, oferecendo informações que contribuem para a formação de novas mentalidades e para superar todo racismo (Entrevistado 04)

. O entrevistado 4 ressalta que o racismo não se limita apenas à discriminação sofrida pelos negros, mas transcende a questão da raça. Ele aponta que o racismo é um produto da cultura brasileira, na qual são atribuídas diferenças éticas, intelectuais e morais às pessoas com base em suas características distintas. Nesse sentido, todos nós somos educados, de certa forma, a reproduzir o racismo. Porque faz-se necessário reavaliar a forma como se estuda e se ensina a história do Brasil e as consequências dessa prática na formação do aluno, “sendo estabelecido que essa mudança de postura seja colocada em prática no contexto educacional, redimensionando os currículos e valorizando a diversidade étnica, cultural, social e econômica da população brasileira” (GONÇALVES; SÍVERES, 2020, p.714)

Essa análise está em linha com a citação, que enfatiza a necessidade de uma mudança de postura no contexto educacional, por meio da reestruturação dos currículos e da valorização da diversidade étnica, cultural, social e econômica da população brasileira.

Portanto, ambos os trechos destacam a importância de combater o racismo nas escolas, reconhecendo que esse fenômeno vai além da discriminação racial e está enraizado na cultura brasileira. Ambos ressaltam a necessidade de promover uma educação inclusiva, que abrace e valorize as diversas heranças culturais, a fim de formar novas mentalidades e superar o racismo..

**Sim, participo ativamente de atividades como palestras e dinâmicas, tanto com os pais quanto com os alunos, buscando conscientizá-los sobre a questão do racismo. (Entrevistado 05)**

Sim, de vez em quando. Procuramos estabelecer um diálogo aberto com as crianças, como gestores, para abordar o assunto da melhor maneira possível, enfatizando o respeito ao próximo. (Entrevistado 06)

Sim, infelizmente ainda ocorrem casos de racismo na escola, embora sejam tratados superficialmente, levando em consideração que as crianças estão em processo de amadurecimento de ideias. Abordamos o tema de forma lúdica, tornando mais fácil para as crianças compreenderem e reduzirem o preconceito. (Entrevistado 07)

Sim, infelizmente, nos deparamos constantemente com várias situações de racismo na sala de aula. No entanto, somos flexíveis para lidar com a situação

e resolver o problema, explicando aos alunos que isso não é correto e ajudando-os a compreender que somos todos iguais. (Entrevistado 08)

Embora não haja menção explícita a Petronília Beatriz Silva (2007) nas entrevistas fornecidas, podemos analisar as declarações dos entrevistados à luz de seu pensamento. Petronília Beatriz Silva é conhecida por sua atuação na luta contra o racismo e pela promoção da consciência racial. Com base nisso, podemos inferir o seguinte:

Entrevistado 05 menciona que participa ativamente de palestras e dinâmicas, tanto com os pais quanto com os alunos, buscando conscientizá-los sobre a questão do racismo. Essa abordagem está alinhada com o pensamento de Petronília Beatriz Silva (2007), que valoriza a conscientização e a educação como formas de combate ao racismo.

Entrevistado 06 menciona a importância de estabelecer um diálogo aberto com as crianças, enfatizando o respeito ao próximo. Embora não mencione explicitamente o tema do racismo, a valorização do diálogo e do respeito são aspectos fundamentais no combate ao preconceito racial, conforme defendido Silva (2007).

Entrevistado 07 reconhece que ainda ocorrem casos de racismo na escola, mas destaca que são tratados de forma superficial, levando em consideração o amadurecimento das ideias das crianças. A abordagem lúdica mencionada pode ser entendida como uma estratégia para tornar o tema mais acessível e compreensível para as crianças, seguindo a premissa de Silva(2007) de educar de forma inclusiva.

Entrevistado 08 relata que se deparam constantemente com situações de racismo na sala de aula, mas menciona a flexibilidade em lidar com a situação e resolver o problema, enfatizando a importância de explicar aos alunos que o racismo não é correto e promover a compreensão da igualdade entre todos. Essa postura está em sintonia com o objetivo de Silva (2007) de combater o racismo e promover a igualdade.

Embora as entrevistas não façam referência direta às ideias de Silva (2007), é possível identificar pontos em que as ações e abordagens dos entrevistados estão alinhadas com os princípios defendidos por ela na luta contra o racismo e na promoção da conscientização racial. Dando prosseguimento a entrevista perguntamos aos professores se em algum momento de sua trajetória, já presenciaram ações racistas na sala de aula, pedimos a ele que nos relatasse como foi essa experiência. Abaixo transcrevemos as narrativas dos professores:

A entrevistada (01) respondeu apenas que sim.

Ainda não, espero não precisar passar por isso, mas se ocorrer vou tentar trabalhar a questão da melhor maneira possível sempre frisando que somos todos iguais aos olhos de Deus. Entrevistado (02).

Durante minha trajetória profissional na sala de aula que trabalhei não presenciei um caso de racismo, mas se tivesse acontecido teria trabalhado com cautela e amor entrevistado 05.

A entrevistada (01) respondeu apenas "sim", sem fornecer detalhes adicionais sobre a questão do racismo. Dessa forma, não podemos inferir muito sobre suas experiências ou perspectivas em relação ao assunto.

O entrevistado (02) expressa que ainda não teve experiências de lidar com casos de racismo, mas caso ocorra, ele pretende abordar a questão da melhor maneira possível, destacando que todos são iguais aos olhos de Deus. Essa resposta sugere uma abordagem baseada em valores religiosos e na promoção da igualdade perante a divindade.

O entrevistado (05) relata que durante sua trajetória profissional na sala de aula, não presenciou um caso de racismo. No entanto, ele afirma que, se tivesse ocorrido, teria trabalhado com cautela e amor. Essa resposta indica uma postura sensível e cuidadosa ao abordar questões de racismo, buscando promover um ambiente seguro e inclusivo.

As entrevistas oferecem uma visão restrita sobre o tema do racismo, pois apenas alguns entrevistados abordaram o assunto. As respostas sugerem uma abordagem personalizada, enfatizando valores como igualdade e amor. No entanto, é relevante destacar que essa análise se baseia nas respostas fornecidas e não reflete uma visão abrangente das perspectivas e práticas em relação à luta contra o racismo.

A todo momento, o interessante ao vivenciar essa experiência é descobrir que muitas vezes o racismo acontece por falta de conhecimento, por muitas vezes as crianças transmitem uma reação do diferente Ou do que tu às vezes não conheces, daí a importância da escola em trabalhar assuntos Como o racismo. Entrevistado (03).

Segundo a declaração do entrevistado 3, o racismo é resultado da falta de conhecimento, o que nos leva a refletir sobre o conceito de racismo e a questão das diferenças. De acordo com Júnior (2008), o racismo tem suas raízes no conceito de raça do século XV, sendo, portanto, uma construção sociocultural e histórica. É fruto de um processo ideológico que se infiltrou nas práticas sociais do cotidiano. A falta de conhecimento sobre as nuances desses termos - racismo, preconceito, discriminação e diferenças - impede que possamos compreender os fenômenos ao nosso redor (p.5).

Assim, para o autor, ao abordar a discussão étnico-racial, é importante reconhecer que o racismo é o conceito mais abrangente, englobando ideias de preconceito, discriminação e

estereótipos (p.5). O estudioso também destaca a importância de mencionar outros tipos de preconceitos, distinções e intolerâncias que não se restrinjam exclusivamente à questão racial, como gênero, orientação sexual, classe social, entre outros. Portanto, ao discutir outras formas de preconceito, essas não devem ser condicionadas ao racismo..

Sim. Olha é preciso ter uma postura política clara diante do racismo, se entendemos que a política é a possibilidade de debatermos diferentes ideias e buscarmos a solução do problema, buscaremos o bem comum, mas deixa o aluno discriminado mais, mas confortado ponto o professor precisa tomar partido. Entrevistado (04).

Sim. Péssima, procurei contornar a situação no momento. (Entrevistado 06)

Avalio como decepcionante, mas creio que devemos a cada dia mais lutar para não silencie essas memórias e que o racismo não tome conta de nossas crianças entrevistada 07

Bom, por muito tempo ficou escondida essa cultura tão importante para o conhecimento, acho que por esse motivo, pela má compreensão da cultura negra que o racismo é tão visível em nossa sociedade. Entrevistado 08

Analisando as perspectivas dos entrevistados 4, 6, 7 e 8, fica evidente a necessidade de uma formação que sugira a criação de novas abordagens no combate ao racismo, dentro de uma perspectiva decolonial. Isso envolve aprofundar o debate em torno da interculturalidade e promover a comunicação e aprendizagem entre diversas culturas. Essa mediação se constrói a partir da diversidade de conhecimentos e saberes, visando agregar novos significados, onde as desigualdades sejam transformadas em responsabilidade e empatia tanto consigo mesmo quanto com o outro.

Além disso, é feita a pergunta aos entrevistados: você já conhece a Lei 10639/03 e a lei 11645/08? Como tem sido a implementação dessas leis em seu município e em sua escola? Existem políticas públicas voltadas para esse propósito?

O entrevistado 1 não respondeu à pergunta.

A ausência de menção à Lei 10639/03 e à lei 11645/08 por parte do entrevistado 1 não significa necessariamente que ele desconheça o assunto, mas pode contribuir para que as diferenças sejam percebidas como desigualdades naturais. No entanto, é de suma importância que as diferenças nas instituições escolares não sejam silenciadas ou tratadas como invisíveis pelos educadores. É fundamental que todos os educadores rejeitem as formas de preconceito, discriminação e estereótipos existentes no ambiente escolar e incentivem o respeito às diferenças.

Eu particularmente já conhecia, mas no meu Município essa lei ainda é algo desconhecido para muitas pessoas pois é pouco falada, e na escola em que atuo,

raramente se fala dessa questão. Desconheço a existência de políticas públicas relacionadas a esse assunto. Entrevistado 02

Sim, somos em nosso município, a maioria descendente de negros e a implementação dessa lei contribuiu para conhecermos um pouco mais de nossas raízes, e também levar ao conhecimento das pessoas o quanto é importante a quebra desse preconceito. Entrevistado 03

A partir dos relatos dos entrevistados, observa-se que a Lei nº 10.639/2003 desempenha um papel fundamental no fortalecimento da educação antirracista. Essa legislação permitiu a inclusão da "História e Cultura Afro-Brasileira" no currículo das escolas públicas e privadas do sistema de ensino brasileiro. É relevante ressaltar que essa lei também oficializou o dia 20 de novembro como o "Dia da Consciência Negra". No entanto, os relatos dos entrevistados indicam que a educação antirracista ainda enfrenta desafios significativos e tem um longo caminho a percorrer.

Sim, mas não com muito conhecimento. Como ato na sala de aula de educação infantil o ensino da cultura afro-brasileira e africana perpassa nas disciplinas de história, língua portuguesa e literatura infanto-juvenil de acordo com o eixo sociedade natureza que tem como objetivo participar de atividades que envolvam histórias brincadeiras e jogos de canções que digam respeito às tradições culturais de sua comunidade e de outras. Conhecer modo de ser, viver e trabalhar de alguns grupos sociais do presente e do passado entrevistado 04

Sim. A implantação das leis tem dado certo, pois resgata a formação da sociedade brasileira e a contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômica e política pertinentes a história do Brasil. Entrevistado 05

Enfrentar as diversas formas de desigualdade social, cultural e econômica nos diversos contextos sociais do Brasil é um desafio complexo. Isso inclui questões como racismo, preconceito e discriminação presentes no cotidiano das escolas brasileiras e em diferentes esferas sociais. No entanto, é crucial trabalhar esses aspectos para desenvolver uma nova concepção de educação, que promova a implementação de políticas públicas voltadas para o combate ao racismo e para o respeito à diversidade humana em distintos contextos culturais e sociais. Essas ações são fundamentais para promover a inclusão e a justiça social em nossa sociedade.

Sim, existem políticas públicas direcionadas a este propósito, porém engavetado, entrevistado 06

Sim de forma ainda bem superficial, que existem leis de incentivo à cultura em nossas cidades que englobam também a conscientização contra o racismo ponto entrevistado 07

Sim, foi de grande auxílio para minimizar o racismo nas escolas são implantados projetos e estão presentes no PPP entrevistado 08

É evidente que a escola ainda perpetua a opressão nas relações entre os indivíduos, seja através do currículo ou das abordagens pedagógicas que selecionam certos princípios como adequados e necessários, negligenciando as experiências vivenciadas pelos alunos nas instituições educacionais. A responsabilidade da escola e dos professores é problematizar e questionar, atuando como mediadores do conhecimento com o objetivo de oferecer uma educação inclusiva, que não oprima os indivíduos, mas priorize um sujeito crítico capaz de tomar consciência e agir diante da condição de oprimido.

A questão de número cinco perguntou: na sua opinião, enquanto educador como pode contribuir para minimizar o racismo na escola?

Esse assunto deve ser primeiramente falado em casa, os pais precisa ser os primeiros educadores seus filhos. Nem tudo é responsabilidade da escola ensinar. (Entrevistado 01)

Conclui-se a partir das ideias de Djamila Ribeiro (2019) que o combate a todas as formas de discriminação requer um esforço contínuo para eliminar a desigualdade social e racial, indo além das responsabilidades exclusivas da escola e abrangendo todos os espaços sociais. É evidente que as instituições de ensino buscam cumprir seu papel de transmitir conhecimentos científicos, mas ainda é necessário expandir o entendimento sobre o dever de promover relações sociais e raciais democráticas e igualitárias.

Trabalhar mais a questão da desigualdade social, falar mais do racismo fazendo com que as crianças cresçam respeitando um aos outros e sempre lembrando que ninguém é melhor do que o outro. (Entrevistado 02)

É importante levar os alunos a entender das variáveis culturas existentes, pois é através do conhecimento Que Nós aprendemos a enfrentar as diversas Barreiras que levam quebrar os preconceitos existentes. (Entrevistado 03)

é Um Desafio muito grande, mas acredito que uma educação antirracista é possível e necessária e urgente na busca de uma educação que contemple a diversidade de cursos e palestras sobre o racismo nas escolas e discutindo as práticas pedagógicas relativas às questões raciais. (Entrevistado 04)

As respostas fornecidas pelos entrevistados 02, 03 e 04 destacam a importância de abordar questões de desigualdade social e racial nas escolas e promover uma educação antirracista. Essas respostas ressaltam a necessidade de trabalhar a conscientização das crianças

desde cedo, para que elas cresçam respeitando e valorizando a diversidade, e entendendo que ninguém é superior a outra pessoa.

O entrevistado 02 destaca a importância de falar mais sobre o racismo e a desigualdade social, visando quebrar os preconceitos existentes e promover o respeito mútuo.

Já o entrevistado 03 enfatiza a necessidade de proporcionar aos alunos um conhecimento mais amplo das diversas culturas existentes, como forma de enfrentar as barreiras que levam ao preconceito.

Por sua vez, o entrevistado 04 considera que uma educação antirracista é possível e urgente, sugerindo a inclusão de cursos e palestras sobre o racismo nas escolas, além da discussão das práticas pedagógicas relacionadas às questões raciais.

Essas respostas refletem a compreensão de que a educação desempenha um papel fundamental na transformação social, ao abordar e combater o racismo, promovendo uma sociedade mais igualitária e inclusiva.

Incluir diversos aspectos da história e da cultura que caracterizem a formação da população brasileira mostrando como foi a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil. Entrevistado 05

Conscientizando a comunidade escolar: pais, alunos, professores, supervisores, gestores .... de que o racismo não contribui em nada para o desenvolvimento do ser humano 07

É uma luta constante, precisamos a todo momento fazer projetos, brincadeiras, e contação de histórias, para melhor compreensão dos alunos entrevistados 08

Para obter resultados efetivos, a escola não pode simplesmente improvisar seu conteúdo. É fundamental desenvolver reflexões críticas que permitam a superação de uma visão excludente do espaço escolar, deixando de lado a mentalidade etnocêntrica. Os processos pedagógicos devem ser conectados às experiências e à diversidade de culturas e relações sociais e políticas ao longo da trajetória histórica e cultural. Conforme afirmam Gonçalves e Síveres (2020, p. 721), “os professores devem receber formação para ensinar, tendo em mente um projeto de sociedade em que toda a população brasileira tenha direito de participar nas decisões do rumo dessa sociedade, ou seja, uma sociedade democrática em sua essência.”

### Considerações finais

A implementação da Lei Federal nº 10.639/03, que tornou obrigatório o estudo das culturas africanas e afro-brasileiras nos currículos escolares, representa um avanço significativo na luta contra o racismo e na promoção da inclusão social e racial no Brasil. A pesquisa realizada neste estudo, que analisou as representações de professores de uma escola estadual em João Pinheiro (MG), revelou a importância da educação antirracista como ferramenta para combater a discriminação e promover a diversidade cultural.

Através das entrevistas orais realizadas com oito professoras, foi possível compreender o papel da escola na promoção da pluralidade cultural e na construção de uma educação antirracista. Os resultados destacaram a diversidade cultural como requisito fundamental para uma educação que valoriza e respeita as diversas formas de expressão. A diversidade cultural permite o reconhecimento e a valorização das identidades afrodescendentes, reinterpretando e resignificando a história e as relações étnico-raciais no Brasil.

No entanto, a pesquisa também revelou os desafios enfrentados pela escola na implementação da lei. Ainda há obstáculos a serem superados para que a diversidade cultural seja plenamente adotada como uma política afirmativa, rompendo com os padrões monoculturais e homogeneizadores presentes na cultura escolar. É necessário promover reflexões críticas e transformadoras, além de investir em políticas de formação que capacitem os professores a abordarem a diversidade cultural de forma respeitosa e inclusiva.

Conclui-se, portanto, que a educação antirracista é um processo contínuo que exige o engajamento de todos os envolvidos na comunidade escolar e na sociedade como um todo. É necessário fortalecer os programas educacionais em direitos humanos, incluindo a educação para as relações étnico-raciais, a educação do campo, a educação quilombola e a escola indígena. Somente através de uma educação antirracista e voltada para a diversidade cultural será possível combater efetivamente a discriminação e promover uma sociedade mais justa e igualitária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Fontes orais: História dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Orais. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

AZEVEDO, S. M., & André, B. P. (2020). **Pedagogia e diversidade cultural: diretrizes para uma nova formação.** *Laplage Em Revista*, 6(1), p.34-46. Recuperado de <https://laplageemrevista.editorialaar.com/index.php/lpg1/article/view/491>.

BRASIL. Ministério da Educação. Educação antirracista : caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 / Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília :Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: MEC/SECAD; SEPPIR, jun. 2009

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** 5a ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

DA SILVA GONCALVES, Maria Célia. O uso da metodologia qualitativa na construção do conhecimento científico. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 10, p. 199-203, mar. 2007 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212007000100018&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000100018&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 05 jun. 2023.

DEMO, P. Aprender com suporte digital- Atividades autorais digitais. **Humanidades & Tecnologia (FINOM)**, v. 25, p. 10-94, jul./set. 2020. Disponível em: [http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM\\_Humanidade\\_Tecnologia/article/view/1284](http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/1284). Acesso em: 04 mai. 2023.

IBGE. **João Pinheiro.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/joao-pinheiro/panorama>. Acesso em: 01/2023.

DIEHL, Astor Ant3nio; TATIM, Denise Carvalho. **Pesquisa em ci4ncias sociais.** S3o Paulo: Prentice Hall, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necess3rios 3 pr3tica educativa. 25.ed. S3o Paulo: Paz e Terra, 2002.

GONÇALVES, Maria C3lia da Silva. **Racismo In:** SÍVERES, Luiz; NODARE, Paulo C3sar (Orgs.). **Dicion3rio de Cultura de Paz- Volume 2.** Curitiba: CRV, 2021

GONÇALVES, M. C. da S.; SÍVERES, L. A tem3tica 3tnico-racial na formaç3o de professores: um estudo de caso no curso de Pedagogia no Noroeste de Minas Gerais. **Revista Educaç3o e Pol3ticas em Debate**, [S. l.], v. 9, n. 3, p. 708–729, 2020. DOI: 10.14393/REPOD-v9n3a2020-57884. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducapoliticas/article/view/57884>. Acesso em: 14 jan. 2022.

J3NIOR, Wilmo Ernesto Francisco. **EDUCAÇ3O ANTI-RACISTA: REFLEX3ES E CONTRIBUIÇ3ES POSSÍVEIS DO ENSINO DE CI4NCIAS E DE ALGUNS PENSADORES.** **Revista de Ci4ncia & Educaç3o**, v. 14, n. 3, p. 397-416, 2008.

KASSAR, Mônica Carvalho Magalhães. **Escola como espaço para a diversidade e o desenvolvimento humano**. Educ. Soc., Campinas, v. 37, n.º. 137, p.1223-1240, out.- dez., 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/3pZfQcXscKP5rN6T94Pjfrj/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 agosto de 2021.

LARAIA, Roque de Barros, 1986. Cultura: um conceito antropológico / Roque de Barros Laraia. 29.ed. Rio de Janeiro: Jorge "Zahar Ed., 2018.

Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e a Cultura. (2002). Declaração Universal sobre a diversidade cultural. Recuperado de [http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration\\_cultural\\_diversity\\_pt.pdf](http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CLT/diversity/pdf/declaration_cultural_diversity_pt.pdf). Acesso em agosto de 2021.

457

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007.

SILVA, Giselda Shirley da; SILVA, Vandeir José da; GONÇALVES, Maria Célia da Silva. Educação das relações étnico-raciais e a lei 10.639/03: Uma breve incursão histórica. **Revista Educação in loco**. V.2, n.º 2, 2021. Disponível em : <http://revistas.icesp.br/index.php/REIL/article/view/1682>. Acesso em 20 de jun.2023.

SILVA, Giselda Shirley da; GONÇALVES, Maria Célia da Silva; SILVA, Vandeir José da. **Histórias e Memórias: Experiências Compartilhadas em João Pinheiro**. João Pinheiro: Patrimônio Cultural de João Pinheiro, 2011.